



Brésil(s)

Sciences humaines et sociales

3 | 2020

Hommage à la Casa de Rui Barbosa

Alteridades migratórias atuais: africanidade e europeidade em questão no Rio de Janeiro

L'altérité migratoire aujourd'hui : africanité et européenité en question

Current Migratory Otherness: Questioning Africanness and Europeanness in Rio de Janeiro

Tilmann Heil



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/bresils/8918>

DOI: 10.4000/bresils.8918

ISSN: 2425-231X

Editora

Editions de la maison des sciences de l'homme

Edição impressa

ISBN: 978-2-7351-2065-9

ISSN: 2257-0543

Este documento é oferecido por KU Leuven Bibliotheken



Refêrencia eletrónica

Tilmann Heil, «Alteridades migratórias atuais: africanidade e europeidade em questão no Rio de Janeiro», *Brésil(s)* [Online], 3 | 2020, posto online no dia 15 dezembro 2020, consultado o 20 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/bresils/8918>; DOI: <https://doi.org/10.4000/bresils.8918>

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 janeiro 2021.



Brésil(s) est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Alteridades migratórias atuais: africanidade e europeidade em questão no Rio de Janeiro

L'altérité migratoire aujourd'hui : africanité et européanité en question

Current Migratory Otherness: Questioning Africanness and Europeanness in Rio de Janeiro

Tilmann Heil

- 1 A recente chegada de africanos e europeus ao Brasil, e à cidade do Rio de Janeiro em particular, levanta uma questão desafiadora: no encontro desses recém-chegados com a sociedade carioca, como se configuram alguns legados históricos fortemente enraizados na sociedade brasileira? E como eles se manifestam na cidade, no cruzamento entre identidades e alteridades? Mais especificamente, estou pensando na africanidade e na europeidade como duas grandes dimensões presentes na história e na sociedade brasileiras. Ambas emergem com força no contato com esses novos migrantes, tanto em relação ao enraizamento e ao desenraizamento territorial que experimentam, quanto em seus vínculos com a negritude e a branquitude ou, mais precisamente, com os pares africanidade-negritude e europeidade-branquitude.
- 2 Ambas são, também, forças que estruturam de longa data desigualdades e hierarquias ativas na população brasileira, além de expressarem o racismo vigente, em toda sua complexidade. O espectro desse racismo varia do privilégio branco à necropolítica dirigida às populações negras. No entanto, trazendo para a arena urbana os novos fluxos migratórios, entendo deslocar o eixo da discussão e refletir sobre o modo pelo qual os pares europeidade-branquitude e africanidade-negritude suscitam contestações, sendo atravessados por leituras complexas e variadas. Esse campo de forças nos permite apreender como se atualizam as relações raciais e a matriz colonial da desigualdade no Rio de Janeiro.
- 3 Desde 2014, tenho realizado pesquisas sobre as desigualdades contemporâneas e o racismo ativo na população carioca a partir das narrativas e experiências de africanos e

européus recém-chegados. Interesse-me, especialmente, pelas formas segundo as quais essas pessoas se relacionam com as complexas configurações sociais da cidade. Aproximei-me do Rio de Janeiro sob três prismas: a chegada de espanhóis e a chegada de senegaleses, desde 2010, e a minha própria chegada à cidade, enquanto alemão branco. As reflexões que farei a seguir baseiam-se principalmente na pesquisa de campo realizada no cotidiano da vida urbana, na convivência com meus interlocutores nos espaços cariocas durante dois anos e meio, entre 2014 e 2020. Além do convívio e da observação, conduzi entrevistas – gravadas ou não, de acordo com o conforto de cada interlocutor com essa prática – focadas nas experiências e opiniões sobre relações e hierarquias sociais no Rio de Janeiro.

- 4 Escolhi trabalhar com migrantes que não vieram nem do espaço histórico do principal colonizador, Portugal, nem dos principais portos de origem dos africanos escravizados. Ainda assim, Senegal e Espanha têm histórias paralelas de escravidão e colonialismo, que ligam os dois países às Américas, incluindo o Brasil e o Rio de Janeiro (Sarmiento 2006; Hall 2017). Os vínculos e estranhamentos em relação ao Brasil e aos países de origem desses migrantes, trazidos pela pesquisa empírica, permitem iluminar e problematizar as múltiplas combinações que tensionam as noções de africanidade e de europeidade no Rio de Janeiro atual, quando confrontadas à branquitude e à negritude.
- 5 Para contextualizar os encontros vividos no Rio de Janeiro entre recém-chegados e residentes brasileiros, apresentarei a seguir as trajetórias e as relações, sobretudo simbólicas, que os primeiros mantêm com suas origens respectivas. Se estas trazem, sempre, as marcas da colonialidade, a matriz colonial influi diretamente no modo pelo qual cada um se relaciona com a sociedade carioca. No decorrer da pesquisa, as tensões do discurso sobre raça, origem e colonialidade atravessaram, também, minha própria experiência de europeu-alemão diante das realidades assimétricas do Rio de Janeiro.
- 6 Começo abordando, a partir de percursos de senegaleses, as nuances e contradições formuladas com referência à negritude e à africanidade, nas quais positividade e orgulho coexistem com distanciamento e desvalorização. Em seguida, desenvolvo reflexões sobre as relações construídas na tensão entre branquitude e europeidade, atendo-me ao caso dos espanhóis, em que a questão dos privilégios será problematizada. Essas novas migrações renovam o espectro de alteridades presentes na sociedade brasileira e trazem novos desafios à discussão das relações raciais, embora estas permaneçam sensíveis aos efeitos abrangentes do racismo enraizado na matriz colonial.

A questão das origens

- 7 Por um lado, os perfis dos meus interlocutores, mulheres e homens de várias faixas etárias, remetem aos clichês das populações migrantes provenientes da África e da Europa: o imigrante irregular que trabalha informalmente para sobreviver, ou o expatriado qualificado e bem remunerado. Por outro lado, também há trajetórias contraintuitivas: o professor universitário senegalês que luta contra o racismo vivenciado por seus filhos nas melhores escolas do Rio de Janeiro, ou o espanhol que ultrapassa o prazo de validade do visto e que mal consegue sobreviver (Heil 2020c e 2020d). Esse espanhol em situação precária corresponde ao retrato preconceituoso que se faz, habitualmente, do imigrante africano.

- 8 Assumindo essa heterogeneidade, não me restrinjo apenas à realidade do vendedor ambulante senegalês trabalhando na praia ou do expatriado espanhol que se emprega em empresas offshore. Ouço também os discursos do comerciante de arte e do professor universitário senegalês ou do graduado espanhol, desempregado na Espanha e sem documentação apropriada no Rio de Janeiro, para quem morar numa favela da cidade em processo de gentrificação é uma necessidade e não um estilo de vida escolhido (Cummings 2015). Enfim, vale também considerar o meu lugar: alemão branco vivendo no Rio de Janeiro para produzir conhecimentos sobre desigualdades múltiplas a partir da experiência de outros recém-chegados.
- 9 Tão diversas quanto essas trajetórias de mobilidade são as relações dos recém-chegados com suas origens europeia ou africana. Trato-as enquanto construções discursivas que se materializam nos corpos de cada um, ao serem percebidos como naturais desses lugares. De modo situacional, eles combinam estratégias diferentes, das cosmopolitas às paroquiais, identificando-se ou afastando-se de seus lugares de proveniência. Às vezes, as escolhas situacionais são conscientes. Outras vezes, porém, são estruturadas pela lógica maior das relações globais de poder. Eu me aproximo dessas relações pela matriz da colonialidade (Mignolo & Walsh 2018; Mignolo 2000; Quijano 2000), atento às particularidades de diferentes experiências, concordantes ou contraditórias.
- 10 Nessa perspectiva, abordo a longa formação da sociedade brasileira como estando inscrita nas assimetrias globais de poder, com base na expansão colonial, no conhecimento e na filosofia ocidentais. A colonialidade, o lado obscuro da modernidade, remete à origem das hierarquias raciais, da diferença entre sujeito e objeto, entre humanidade e natureza tão discutidas, desconstruídas e reafirmadas ao longo da história do Brasil independente. Por meio da construção de imagens ideais de uma nação tanto ocidental quanto mestiça, a história brasileira se torna um catalizador para a (des)construção das relações estabelecidas pelos meus interlocutores no Rio de Janeiro. Tais relações são sempre mediadas por aquelas mantidas com seus lugares de origem.
- 11 Isso sem esquecer a minha própria trajetória: os meus laços com a terra natal – o sul da Alemanha – vêm se alterando há muito tempo. Desde cedo, graças aos estudos migratórios, as assimetrias neocoloniais que atravessam o Mediterrâneo e incluem a África subsaariana me perturbaram. Durante o doutorado, baseando-me na minha experiência no contato com senegaleses na Espanha e no Senegal, tratei dos conhecimentos que adquiriam na diáspora sobre as diferenças e de como as vivenciavam, em um frágil equilíbrio entre cooperação e conflitos cotidianos, hierarquia social e igualdade minimamente suficiente (Heil 2020a). Em seguida, acompanhei meus interlocutores do Senegal e da Espanha na busca por novas oportunidades no Rio de Janeiro, estabelecendo-me nos bairros da Tijuca e do Flamengo, inicialmente vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e depois ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Junto aos meus interlocutores e amigos, percorri a área metropolitana carioca marcada por grandes desigualdades, de São Gonçalo ao Vidigal, do Irajá à Babilônia, detendo-me também em bairros intermediários aos meus percursos urbanos, como Ipanema, Santa Teresa ou Méier.
- 12 Diferentemente de mim, meus interlocutores senegaleses, apesar de comporem um grupo heterogêneo, mantinham um compromisso fundamental com a sua terra natal e falavam dela com orgulho. Enraizados no patrimônio africano e na sua orientação ético-

religiosa, muitos deles destacavam a ressurgente consciência decolonial, que se manifestou concretamente no apoio a Ousmane Sonko nas eleições presidenciais do Senegal, em 2019. No mesmo sentido, celebravam o cosmopolitismo de homens e mulheres senegaleses que se deslocam pelo mundo afora não só individualmente, mas coletivamente (Diouf 2000). No Rio de Janeiro, reproduziam o discurso ufanista de líderes políticos do seu país, realçando o potencial dos seus compatriotas ao « renascimento » ou ao « despontar » nacional e continental, documentados em projetos monumentais de infraestrutura (De Jong & Foucher 2010).

- 13 Paralelamente, teciam críticas ao seu país. Admitiam as privações econômicas, a degradação ambiental ou o nepotismo político. Reclamavam em conversas agitadas sobre a política senegalesa, mencionando os desafios recorrentes, as falhas de algum governo específico ou de todos, culpando o próprio comportamento da elite política ou a sua dependência contínua em relação à França e à Europa. Exprimiam-se sobre essas questões, demonstrando-me confiança, ao mesmo tempo em que revelavam suas motivações migratórias, ligadas à impossibilidade de realizar projetos e construir um futuro no Senegal.
- 14 Já os meus interlocutores espanhóis, por seu lado, adotavam posições críticas sobre suas origens, pelo menos no contexto marcado pela crise econômica de 2008. Alguns culpavam o capitalismo e o neoliberalismo global, às vezes identificados com as políticas de austeridade da União Europeia. Outros procuravam a explicação nos males do Estado espanhol. Em alguns casos, a relação com os lugares de origem caracterizou-se pelo distanciamento crítico, com pinceladas de autoironia, devido às circunstâncias econômicas e políticas da Espanha, que viam como deploráveis. Em outros, ainda, tratava-se de um desencantamento com a organização política global, sendo que uma parte deles saía em defesa de populismos emergentes. Aqueles que apoiavam os separatismos das regiões autônomas da Catalunha e do País Basco, mostravam-se ainda mais reticentes quanto ao projeto político espanhol. Contudo, muitos ficavam conspicuamente silenciosos sobre suas origens, raramente enfrentando – ou assumindo – os privilégios de que usufruíam (Heil 2020c).
- 15 Essas variadas e ambíguas relações com as origens transparecem também quando o foco etnográfico recai na africanidade, na europeidade, assim como na branquitude e na negritude, com os múltiplos atributos que lhes são atribuídos na vida cotidiana de meus interlocutores no Rio de Janeiro.

Fazer sentido do Rio de Janeiro

- 16 Meus interlocutores justificavam sua vinda ao Brasil por atrativos próprios ao país, para além das explicações macropolíticas, facilmente aceitas, de que a escolha de migrantes africanos pela América Latina se dava pelas dificuldades encontradas em entrar nos países do norte. Assim, os senegaleses frequentemente se referiam ao fato de que o Brasil é o país com a maior população negra fora da África e – por volta de 2010 – um país que prometia um futuro auspicioso.
- 17 A promessa de prosperidade também atraiu alguns dos espanhóis com os quais me relatei, dado o forte contraste, naquele período, entre o Brasil e a situação de profunda crise econômica e de precariedade na Espanha. Outros apresentavam motivações mais específicas, parecendo bastante incomodados pelo fato de serem abordados como possíveis migrantes, em pé de igualdade com os africanos. Destacavam,

por exemplo, o fato de estarem à procura de experiência profissional, referiam-se a suas aspirações em contribuir com projetos sociais e ambientais, ou mencionavam laços pessoais com parceiros brasileiros para justificar sua permanência no Brasil.

- 18 No meu caso, vim ao Rio de Janeiro para estudar as alteridades cada vez mais complexas, interseccionais, porém sempre marcadas por desigualdades, devido à longa, variada e, muitas vezes, violenta história do Brasil.

Eu, a antropologia e a colonialidade

- 19 Pouco estudada pela historiografia alemã, a imigração de alemães para o Brasil foi considerável. Era esperado que esse fluxo cumprisse uma função central no branqueamento da população brasileira, seguindo a forte ideologia eugenista da virada entre os séculos XIX e XX (Schwarcz 1999; Rauter 2018). Porém, quando os imigrantes alemães se isolaram em suas colônias no sul do Brasil, sem contribuir expressivamente para esse branqueamento, tornaram-se não desejados (Seyferth 2013, 131). No início do século XXI, linhas de força igualmente complexas estruturavam a minha chegada ao Rio de Janeiro.
- 20 O acolhimento generoso dos colegas da UERJ e da UFRJ contrabalançou o aviso explícito de que « o Brasil não é para principiantes¹ ». Em particular, testemunhei a existência de um campo de estudos antropológicos sólido, ocupando um lugar central nas discussões acerca da identidade nacional contemporânea. A introdução de quotas raciais vinha contestando o espaço privilegiado de brancos nas universidades públicas do país. Além disto, um debate vivo sobre colonialismo interno estava na ordem do dia (Cesarino 2018; Velho 2010). Ao mesmo tempo, a antropologia estava alimentando, como uma antropologia periférica (Ribeiro & Escobar 2006), o combate à colonialidade do conhecimento e do poder praticada na Europa, à qual minha formação acadêmica e meu passaporte me vinculavam.
- 21 Uma autorreflexão constante sobre tais tensões reverberou no meu cotidiano de morador do Rio de Janeiro, aonde as forças que advogavam mudanças políticas estruturais enfrentavam os efeitos insistentes do privilégio branco, ao qual o fato de eu ser alemão me associava. Se a crítica feita aos imigrantes alemães do início do século XX tinha perdido relevância, um imaginário do « branco-branco » parecia em vigor no meu cotidiano, possivelmente contrastando com a autopercepção do brasileiro como « branco não branco », de origem latina (Cardoso 2017). Ainda que, para uma parte dos meus interlocutores espanhóis eu fosse o « alemão mais latino » que conheciam. Os senegaleses não só brincavam comigo acusando-me de ser um « espião », interessado pelos conhecimentos que detinham, mas também se sentiam suficientemente confortáveis para compartilhar comigo suas leituras do Rio de Janeiro. Eu era alguém que, diziam, havia percorrido os mesmos espaços geográficos que eles: Senegal, Brasil e, para alguns, Europa.

Africanidade e negritude à brasileira

- 22 A africanidade atravessava várias dimensões importantes da interação entre meus interlocutores senegaleses e a população carioca. Eles ora equiparavam, ora justapunham a africanidade à negritude, tal como a percebiam no Brasil (Heil 2020b).

- 23 Apesar das experiências de racismo no Brasil (Kaly 2007 e 2011), os senegaleses, que vieram estudar nas universidades brasileiras entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, narravam seu sucesso nessas instituições com amarga ironia. Na ausência de um número suficiente de candidatos negros brasileiros bem-sucedidos, constatavam que o seu sucesso estava fundamentado na possibilidade de proporcionar às instituições brasileiras, que estavam à procura de « diversidade », perfis de negros com capacidade intelectual para o enfrentamento do ensino superior – fato demonstrado pela rara conquista de diplomas. « Preenchemos as quotas », um professor afirmou, antes mesmo que quotas raciais efetivamente existissem no Brasil. Ele demonstrava claramente desilusão com a situação racial no Brasil que, de fato, muitas vezes revoltava outros senegaleses que ouvi. Essa realidade contrastava com as dimensões que explicavam sua escolha pelo Brasil como destino da migração, onde construiriam seu futuro, por se tratar de um país de promessas, com a maior população negra fora da África. Havia laços estreitos entre falas irônicas, como a citada acima, e uma crítica estrutural às hierarquias racializadas da população brasileira.
- 24 Para alguns desses senegaleses, o sofrimento dos negros brasileiros diante do racismo, que lhes saltava aos olhos, devia-se à ausência de uma organização política bem-sucedida no estilo do movimento norte-americano de direitos civis. Para outros, a suposta impotência dos negros frente à desigualdade racializada explicava-se pela falta de conhecimento sobre as próprias raízes africanas, base do empoderamento. Nisso, meus interlocutores seguiam claramente a filosofia de negritude do primeiro presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor: precisou-se antepor o enraizamento, como elemento primordial, para que a abertura ao mundo e ao outro se desdobrasse da forma desejada (Diop 2014). Ambas, a carência de organização política e a falta de conhecimento sobre as próprias raízes, eram vistas como pilares dos fracassos dos negros brasileiros, nos raros momentos em que se permitiam tais julgamentos.
- 25 Essa problematização dos impasses da população negra brasileira, vista à luz da luta africana e senegalesa contra a colonização europeia, diferencia africanidade e negritude brasileira. Por esse procedimento, meus interlocutores exprimiam seu orgulho pela africanidade e, ao mesmo tempo, distanciavam-se dos negros brasileiros. Nessa lógica, ao usarem com orgulho seus cafetãs festivos pela cidade, ao celebrarem uma festividade muçulmana ou falarem suas línguas nativas (ou uma língua franca regional), afirmavam e exibiam a todos sua diferença em relação aos negros brasileiros. Esses esforços em se distinguir ultrapassavam os impulsos contrários, que se construíram, apesar de tudo, ao longo dos anos, visando unidade e solidariedade.
- 26 Por outro lado, os senegaleses reconheciam o interesse da população carioca por suas raízes africanas, assim como pela africanidade que eles estavam trazendo ao Rio de Janeiro, ainda que, a seu ver, isso tudo ainda estivesse em fase inicial. Segundo diziam, essa busca por raízes vinha se fortalecendo no Brasil. Nasceram, nesse contexto, projetos pontuais como uma rede de empreendedoras negras e o memorial na Gamboa, do Instituto Pretos Novos, onde um grupo de senegaleses honrava, com recitais religiosos, os escravos negros muçulmanos cujos túmulos haviam sido identificados.
- 27 Alguns desses senegaleses, com maior experiência no Rio de Janeiro, vendiam arte africana. Segundo diziam, os cariocas que expressavam mais interesse pela africanidade eram brancos de classe média. Esses eram seus bons clientes, que compravam objetos « africanos » com a intenção de praticar religiões de matriz africana ou simplesmente para decorar suas casas. A disjunção entre a África contemporânea muçulmana dos

meus interlocutores e as referências à África mítica do Brasil causou estranhamento nos primeiros, inclusive em relação à população negra da cidade. Eles viam em sua africanidade um motor eficaz para a descolonização e uma base emocional mais propícia para suportar um mundo no qual africanos e brasileiros negros – embora vivendo em contextos diferentes – continuavam a enfrentar racismo e desigualdades sociais fortes. Assim, ao contestarem as pretensões brasileiras à africanidade, que estranhavam e das quais se distanciavam, sublinhando as distinções entre africanidade e negritude à brasileira, buscavam, em verdade, evitar uma identificação com os setores mais carentes e discriminados da sociedade local.

- 28 Em outra transposição desse debate, os senegaleses que trabalhavam como vendedores ambulantes, nas ruas e na praia, confrontavam-se ao preconceito contra a África, vista como o coração das trevas do mundo, continente marcado pela fome, pela guerra e por todo tipo de retrocessos. Diante disso, posicionavam-se orgulhosamente como viajantes cosmopolitas. O líder religioso de muitos deles – Cheikh Ahmadou Bamba da irmandade muçulmana Murid – frequentemente servia de modelo para tal cosmopolitismo (Diouf 2000). Ele também incorporara uma forma, que valorizavam, de resistência bem-sucedida e pacífica à opressão colonial. Além de contribuir para a narrativa da descolonização bem-sucedida, essa resistência pacífica contra o poder colonial serviu aos senegaleses para se defenderem da acusação global de extremismo islâmico (Babou 2011). Se tal acusação ainda era fraca no Brasil da época, já estava presente nas preocupações dos senegaleses com os quais convivi no Rio (Heil 2019).
- 29 Ao ouvirem generalizações e preconceitos em relação à África contemporânea, os senegaleses as atribuíam à falta de cosmopolitismo e de educação de brasileiros que, no mais das vezes, identificavam como negros. Isso confirmava sua visão de que o déficit de educação constatado era não somente um efeito estrutural da hierarquia social racializada do Rio de Janeiro, mas também sua causa. De modo pragmático, diziam aproveitar-se de tal configuração: a venda ambulante de relógios, pulseiras e outros produtos chineses para os brasileiros que acreditavam na extrema e generalizada precariedade dos africanos – mesmo em algumas das favelas mais desfavorecidas da cidade – tornava-se mais fácil e lucrativa, pois os cariocas « compravam para ajudar ». Preferindo não contestar o que ouviam, tiravam vantagens, imunizando-se, assim, contra o preconceito de que eram objeto.
- 30 Ao se confrontarem com o racismo operante no Rio de Janeiro, os senegaleses recém-chegados buscavam escapar dos seus efeitos, distinguindo-se para tal dos negros brasileiros. Reproduziam, assim, suas próprias hierarquias raciais, as mesmas que fizeram com que se voltassem inicialmente para a africanidade, como expressão identitária positivada.

Europeidade e privilégio branco

- 31 Se tomarmos o segundo par conceitual de alteridade discutido aqui – a branquitude e a europeidade – veremos que ele também foi usado ora para se aproximar, ora para se distanciar da população carioca, desta vez por parte dos espanhóis que ouvi no Rio. Mais uma vez, ambas as dimensões, origem e raça operaram nos dois sentidos, sendo contestadas e reafirmadas.
- 32 Algumas das trajetórias dos meus interlocutores espanhóis revelaram, num capítulo movimentado de uma longa e inquestionável hegemonia da branquitude europeia, que

ela estava sendo questionada no Brasil (Müller & Cardoso 2017). Contudo, ela se mantinha firme na vida cotidiana, suavizando as posições sociais precárias desses recém-chegados, ou mesmo transformando-as completamente. Assim, vários espanhóis lembraram dos comentários de brasileiros que mostram claramente essa ambivalência. Uma jovem profissional espanhola relatou:

« Mas você é europeu [...] Lá, tudo deve ser melhor », e muitos me disseram: « Por que você veio para cá? Você sabe que é uma bagunça? » [...]

Eles não estão felizes com a situação no Brasil e veem a Europa como um paraíso. [...] Não que tenham dito diretamente, para mim, mas tenho lido comentários de pessoas que dizem: « Olha, como a Europa está fodida, agora todos os gringos vêm aqui tirar vantagem, depois de nos terem colonizado e tratado mal ».

Isso aconteceu mais: « Como você chegou a esse maldito país, vindo do paraíso? » E eu respondi: « Espera aí, a Espanha é tudo menos o paraíso ». (em espanhol, fevereiro 2015)

- 33 Tendo saído da Espanha por falta de oportunidades econômicas, os meus interlocutores demonstraram que essa relativa vulnerabilidade estava distribuída de modo desigual entre eles, sendo reforçada pela política de reciprocidade migratória aplicada pelo Brasil. Portadores de vistos de turista, alguns expunham-se à ilegalidade que, em geral, preferiam não revelar, para não serem identificados aos « refugiados econômicos », forçados a sair da Espanha no contexto da crise de 2008 (Martínez Martínez 2017). Outros dispunham de uma situação um pouco mais confortável, possuindo reservas financeiras suficientes para cumprir os requisitos previstos pela política brasileira de imigração. Para tal, entravam e saíam do país com frequência, comprovando a posse, em conta bancária, de 65 euros por dia de permanência no território, além de uma carta-convite e do seguro de viagem. Nesses casos, a falta de visto de residente não deixava de causar efeitos deletérios no âmbito do trabalho: salários mais baixos do que os dos colegas brasileiros, contratos precários ou inexistentes e até estágios não remunerados « para ganhar experiência ». Enfim, alguns beneficiavam-se do mero fato de serem europeus e do imaginário brasileiro sobre isso que, diziam, não apresentava qualquer base empírica:

Aí comecei a trabalhar por um bom salário, que era de cerca de dois mil euros, cerca de seis mil [reais] brutos. A mulher disse, imaginando que como europeu eu teria um salário melhor [...]: « Eu só posso lhe oferecer seis mil reais »! Eu ria por dentro porque era muito para mim. [...] Tem gente que acha que o estrangeiro europeu é melhor do que o brasileiro e pode trabalhar melhor e pode ter uma conversa mais interessante. Quando, de fato, a universidade pública aqui é boa [...], melhor do que muitas universidades espanholas. [...] Mas ainda há essa ideia de que o europeu, que sendo europeu você tem uma educação melhor. (em português, janeiro 2015)

- 34 A onipresença desse imaginário de superioridade atribuída pelos brasileiros à branquitude europeia (Cardoso 2017; Vargas 2004) incidia diretamente sobre o privilégio do qual os espanhóis se beneficiavam no Rio de Janeiro. O que criava um contraste com a precariedade que alguns deles enfrentavam, dado seu estatuto irregular e seus contratos de trabalho pouco vantajosos.
- 35 Cientes de quão ambíguos eram os efeitos da branquitude, meus interlocutores me desafiavam, como alemão, com declarações sobre como a sua branquitude teria sido posta em xeque se tivessem ido para o norte da Europa (Glorius & Domínguez Mujica 2017). « Na Alemanha, seríamos aqueles que nem sequer seriam considerados brancos, não é? » Realmente, um dos efeitos da crise de 2008 na Alemanha, estava no fortalecimento de discursos culturalistas e racistas sobre o europeu do sul como

- « preguiçoso e irracional » (Ervedosa 2017). Esse preconceito contra os europeus de origem latina, expressão do racismo cultural norte-europeu, marcou nossas interações e cruzava-se com a crítica da esquerda à política de austeridade defendida pelo governo alemão.
- 36 A mesma postura manifestava-se quando teciam críticas ao racismo no Brasil. Mais cedo ou mais tarde, cada um dos meus interlocutores condenou a injustiça contínua e racializada existente no país, e no Rio de Janeiro em particular. Responsabilizavam as classes médias e altas por manterem uma exploração racista e classista. Essas camadas da população brasileira eram identificadas por se beneficiarem do privilégio branco, contestado pelos espanhóis em situação precária.
- 37 Apesar dessas críticas à branquitude, a europeidade tornou-se um pilar para reconstituir hierarquias coloniais e mecanismos análogos aos que alguns deles criticavam no Rio de Janeiro. Mesmo nas tentativas de avaliar de modo ponderado essas hierarquias sociais, o olhar colonial sobre a América Latina e o Brasil acabava emergindo, atualizado. Assim, ao criticarem o Brasil por seus altos níveis de desigualdade, negligenciavam a genealogia dessa realidade e a responsabilidade das potências europeias (Machado 2002). Ao constatarem as diferenças entre o Brasil e a Espanha (ou a Europa), mantinham-se em julgamentos baseados no senso comum, reproduzindo olhares formatados pela colonialidade. Suas narrativas geralmente se concluíam com uma proclamação da superioridade das metrópoles europeias em termos de civilização, percepção que raramente deixaram de explicitar em nossas conversas.
- 38 As diferenças entre o Brasil e a Europa frequentemente vinham à tona quando se abordava o tema das mulheres cariocas. Tanto os espanhóis quanto as espanholas diziam que era difícil travar amizades com elas, pois eram diferentes das mulheres da Espanha, sendo mais « femininas », ou até mais « machistas ». Ao descreverem dessa forma as mulheres cariocas, um antigo discurso de desejo colonial se reatualizava, caracterizando a mulher brasileira como não-branca, não europeia, mestiça, subalterna (Silva 2006).
- 39 Ao tecerem comentários sobre a urbanidade carioca, uma lógica não menos fundada em relações coloniais vinha à tona:
- A principal característica do Rio de Janeiro é o caos. Tudo parece estar quebrado, mas continua funcionando: o transporte público, a coleta de lixo, as favelas, a forma como a infraestrutura urbana é construída. Parece que não existe uma agência central de planejamento. Certamente, os arquitetos (e urbanistas) são mal treinados no Brasil. (anotações de entrevista, fevereiro de 2015)
- 40 Tais julgamentos se materializavam tanto em um contexto político global, no qual diferentes espaços eram classificados como mais ou menos desenvolvidos – ou civilizados –, quanto no contexto local de uma « supremacia branca » (Vargas 2004). A europeidade, historicamente associada à branquitude, com ou sem o reconhecimento explícito de meus interlocutores, mediava nossos encontros cotidianos.
- 41 Isso indica que a herança de uma sociedade colonial escravocrata emerge no contexto desses novos fluxos migratórios, trazendo novamente à tona as tensões entre branquitude, europeidade e colonialidade. Independentemente das situações singulares e da consciência política dos meus interlocutores, a sua europeidade revitalizava a própria branquitude e, juntas, se tornavam simbolicamente e socialmente eficazes no novo contexto da migração. Além disso, as declarações depreciativas que faziam sobre o

Rio de Janeiro e sua população combinavam, de maneira problemática, com um certo complexo de inferioridade um pessimismo brasileiro, que também me pareciam estar na origem de muitas de minhas interações cotidianas. Apesar das críticas e reconfigurações pós-coloniais com as quais muitos dos meus interlocutores concordavam, o legado colonial permanecia dominante (Heil 2020c).

Conclusões

- 42 A recente chegada de europeus e africanos ao Brasil ofereceu uma oportunidade única para reavaliar a contínua luta da população brasileira com algumas das suas heranças mais perturbadoras, ligadas à colonização e à escravidão. A racialização das hierarquias sociais no Brasil, em geral, e no Rio de Janeiro, em particular, resulta desse legado e passou a enfrentar novos desafios com a chegada desses imigrantes.
- 43 Minha etnografia com senegaleses e espanhóis no Rio de Janeiro, construída a partir das nossas interações, mostrou um quadro diferenciado dos legados da europeidade e da africanidade, assim como da negritude e da branquitude. O contato entre negros brasileiros e africanos recém-chegados, entre negritude e africanidade, tornou visível como a matriz colonial encontrava-se ativa. Ao mesmo tempo, a chegada de europeus teve dois efeitos quanto ao privilégio branco: se uma parcela desses migrantes, precários, podia desestabilizá-lo, outros, ao reativar sua própria europeidade, aproveitavam das vantagens sempre vigentes da branquitude.
- 44 Minhas relações cotidianas com meus interlocutores senegaleses e espanhóis, assim como os contatos destes com a população carioca, colocaram-me diante da desigualdade racial brasileira, atravessada pelos desdobramentos da africanidade e da europeidade. Nesse sentido, múltiplas dimensões das complexas relações sociais e raciais brasileiras se tornaram visíveis para mim. Desconstruir as equações compreendendo negritude e africanidade, branquitude e europeidade permite reforçar uma apreensão crítica de como a matriz colonial é reproduzida e contestada, tanto localmente, na cidade do Rio de Janeiro, quanto globalmente, através, em particular, dos deslocamentos migratórios.

BIBLIOGRAFIA

- Babou, Cheikh Anta. 2011. *Le jihad de l'âme: Ahmadou Bamba et la fondation de la Mouridiyya au Sénégal, 1853-1913*. Paris : Karthala.
- Cardoso, Lorenzo. 2017. « O branco não branco e o branco branco. » In *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*, org. Tânia M. P. Müller & Lorenzo Cardoso, 153-171. Curitiba: Appris Editora.
- Cesarino, Letícia. 2018. « Colonialidade interna, cultura e mestiçagem: repensando o conceito de colonialismo interno na antropologia contemporânea. » *Ilha Revista de Antropologia* 19 (2): 73-105. DOI: 10.5007/2175-8034.2017v19n2p73.

- Cummings, Jake. 2015. « Confronting Favela Chic: The Gentrification of Informal Settlements in Rio de Janeiro, Brazil. » In *Global Gentrifications: Uneven Development and Displacement*, org. Loretta Lees, Hyun Bang Shin & Ernesto López Morales, 81-100. Bristol: Polity Press.
- De Jong, Ferdinand & Vincent Foucher. 2010. « La tragédie du roi Abdoulaye ? Néomodernisme et renaissance africaine dans le Sénégal contemporain. » *Politique africaine* 118 (2): 187. DOI: 10.3917/polaf.118.0187.
- Diop, Ibrahima. 2014. « Senghor entre Francophonie et dialogue interculturel. » *Liens nouvelle série* 18: 8-17. Disponível em: http://fastef.ucad.sn/LIEN18/liens18_idiop.pdf (consultado em 30 de outubro 2019).
- Diouf, Mamadou. 2000. « The Senegalese Murid Trade Diaspora and the Making of a Vernacular Cosmopolitanism. » *Public Culture* 12 (3): 679-702.
- Ervedosa, Clara. 2017. « The Calibanisation of the South in the German Public “Euro Crisis” Discourse. » *Postcolonial Studies* 20 (2): 137-162. DOI: 10.1080/13688790.2017.1359873.
- Glorius, Birgit & Josefina Domínguez Mujica, org. 2017. *European Mobility in Times of Crisis: The New Context of European South-North Migration*. Bielefeld: Transcript.
- Hall, Gwendolyn Midlo. 2017. *Escravidão e etnias africanas nas américas: restaurando os elos*. Petrópolis: Vozes.
- Heil, Tilmann. 2019. « Muslim – Queer Encounters in Rio de Janeiro: Making Sense of Relative Positionalities. » *Ethnography* 1-20. DOI: 10.1177/1466138119859601.
- Heil, Tilmann. 2020a. *Comparing Conviviality: Living with Difference in Casamance and Catalonia*. Basingstoke: Palgrave.
- Heil, Tilmann. 2020b. « Conviviality on the Brink: Blackness, Africanness and Marginality in Rio de Janeiro. » In *Convivial Constellations in Latin America: From Colonial to Contemporary Times*, org. Luciane Scarato, Fernando Baldráia & Maya Manzi, PP. Londres: Routledge.
- Heil, Tilmann. 2020c. « Post/colonial Reconfigurations: The Disregarded, Renewed Arrival of Spaniards in Rio de Janeiro. » *Journal of Immigrant and Refugee Studies* 18 (3): 326-340. DOI: 10.1080/15562948.2020.1754994.
- Heil, Tilmann. 2020d. « Interweaving the Fabric of Urban Infrastructure: The Emergence of a Senegalese Presence in Rio de Janeiro. » *International Journal of Urban and Regional Research*. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-2427.12963> (consultado em 16 de dezembro de 2020).
- Kaly, Alain Pascal. 2007. « À procura de oportunidades ou desembarque por engano: migração de africanos para o Brasil. » In *Migrações internacionais: desafios para o século XXI*, org. Odair da Cruz Paiva & Alain Pascal Kaly, 97-142. São Paulo: Memorial do Imigrante.
- Kaly, Alain Pascal. 2011. « Desprestígio racial, desperdício social e branqueamento do êxito. » *Revista Espaço Acadêmico* 6 (126): 21-31.
- Machado, Igor José de Renó. 2002. « Brazilian Immigration and the Reconstruction of Racial Hierarchies of the Portuguese Empire. » In *Beyond Home and Exile: Making Sense of Lives on the Move*, org. Bodil F. Frederiksen & Nina Nyberg Sørensen, 127-146. Roskilde: Roskilde University.
- Martínez Martínez, María José. 2017. « Prácticas mediáticas y movimientos sociales: el activismo transnacional de Marea Granate. » *Index Comunicación* 7 (3): 31-50.
- Mignolo, Walter D. 2000. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press.

- Mignolo, Walter D. & Catherine E. Walsh. 2018. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. On decoloniality. Durham: Duke University Press.
- Müller, Tânia M. P. & Lorenço Cardoso, org. 2017. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris Editora.
- Quijano, Aníbal. 2000. « Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. » *Nepantla: Views from South* 1 (3): 533-580.
- Rauter, Cristina Mair Barros. 2018. « Os que vieram para branquear o Brasil: o moinho do gastar gente e a imigração alemã no século XIX. » *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)* 10 (24): 67-88.
- Ribeiro, Gustavo Lins & Arturo Escobar, org. 2006. *World Anthropologies: Disciplinary Transformations in Systems of Power*. Wenner-Gren international symposium series. Oxford: Berg.
- Sarmiento, Érica. 2006. « Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970). » Tese de doutorado. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Schwarcz, Lília Moritz. 1999. *The Spectacle of the Races: Scientists, Institutions, and the Race Question in Brazil, 1870-1930*. New York: Hill and Wang. [ed. orig (1993): *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras].
- Seyferth, Giralda. 2013. « The Diverse Understandings of Foreign Migration to the South of Brazil (1818-1950). » *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* 10 (2): 120-162.
- Silva, Denise Ferreira da. 2006. « À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. » *Revista Estudos Feministas* 14 (1): 61-83. DOI: 10.1590/S0104-026X2006000100005.
- Vargas, João H. Costa. 2004. « Hyperconsciousness of Race and Its Negation: The Dialectic of White Supremacy in Brazil. » *Identities* 11 (4): 443-70. DOI: 10.1080/10702890490883803.
- Velho, Otávio. 2010. « O que nos une. » *Anuário Antropológico* 2: 9-21.

NOTAS

1. Frase do compositor Antônio Carlos Jobim, que se incorporou ao senso comum local para expressar a complexidade da sociedade brasileira.

RESUMOS

Nas primeiras décadas do século XXI, assistimos a uma nova chegada de migrantes senegaleses e espanhóis ao Brasil. No contexto desses novos fluxos migratórios, esse artigo busca refletir sobre as desigualdades e o racismo a partir das narrativas e experiências dos recém-chegados ao Rio de Janeiro. Detenho-me em dois eixos centrais de alteridade no Brasil: europeidade e africanidade a fim de compor um retrato diferenciado dos seus legados, em uma sociedade marcada pela matriz colonial.

Pour diverses raisons, on a assisté au cours des premières décennies du XXI^e siècle à une nouvelle arrivée de migrants sénégalais et espagnols au Brésil. Dans ce contexte, j'examine ici l'expérience des inégalités et du racisme de ceux qui se sont installés à Rio de Janeiro, notamment à partir de leurs récits. En analysant ce matériel, je privilégie deux grands axes de l'altérité au Brésil – l'euroanéité et l'africanité – afin de composer un tableau différencié de leurs héritages et des effets profonds du racisme qui s'est enraciné dans la matrice coloniale.

In the first decades of the twenty-first century, there was a new arrival of Africans and Europeans to Brazil. In the context of these new migratory influxes, this article considers inequalities and racism based on the narratives and experiences of those recently arriving in Rio de Janeiro. I discuss two main axes of alterity in Brazil: Europeaness and Africaness in order to show a differentiated picture of their legacies in a society still marked by its colonial matrix.

ÍNDICE

Palavras-chave: branquitude, negritude, senegaleses, espanhóis, colonialidade, Brasil, século XXI

Keywords: whiteness, negritude, Senegalese, Spanish, coloniality, Brazil, 21st century

Mots-clés: blancheur, négritude, sénégalais, espagnols, colonialité, Brésil, XXI^e siècle

AUTOR

TILMANN HEIL

Tilmann Heil é pós-doutorando junto ao Centro de pesquisas avançadas Maria Sibylla Merian em humanidades e ciências sociais Convivialidade-Desigualdade na América Latina (Mecila) e ao departamento Ibérico e Latino-Americano do Instituto de História da Universidade de Colônia, e do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: 0000-0001-9337-8448.